

A FAMÍLIA E O FILHO COM TEA: REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS AUTISTAS

Gabriella Helena Andrade Roberto (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Solange Franci Raimundo Yaegashi (Orientadora), e-mail: sfryaegashi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Ciências Humanas / Educação

Palavras-chave: Autismo, Família, Educação.

Resumo:

O Transtorno do Espectro Autista se constitui como um quadro cuja gravidade e cronicidade implica em uma maior demanda por cuidados. Diante disto, a família é convocada a se mobilizar e se adaptar às necessidades da criança autista, o que demanda muitas mudanças na dinâmica familiar. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o impacto da presença de um membro com TEA na família, a fim de compreender que aspectos da dinâmica familiar contribuem ou não para o desenvolvimento da criança. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de analisar a produção sobre a temática. Os resultados revelam que a criança com TEA demanda maior atenção e mobilização por parte da família e que por consequência disso, observa-se um aumento no nível de estresse, sobrecarga física e emocional dos membros da família, especialmente da mãe. Conclui-se que para que o processo escolar seja inclusivo e eficaz, há a necessidade de interação entre família e escola a fim de que ambas possam compreender as necessidades da criança autista e trabalharem em conjunto para promover o desenvolvimento saudável da mesma.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) enquadra-se nos transtornos do neurodesenvolvimento. Caracteriza-se por comprometimento significativo na interação social, associado a déficit na comunicação verbal e não verbal, bem como a manifestações clínicas relacionadas a padrões restritos e repetitivos de comportamentos estereotipados, inflexíveis, direcionados a interesses, atividades e ações específicas e rotineiras (APA, 2014). Os efeitos do TEA não se restringem apenas à esfera pessoal do sujeito diagnosticado, mas também se estendem ao âmbito social, e conseqüentemente, ao ambiente escolar.

O TEA é caracterizado por déficits presentes na comunicação e interação social, nas mais diversas circunstâncias, além de comportamentos não verbais de comunicação para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos (APA, 2014), afetando as áreas da socialização, comunicação e do comportamento. Este transtorno se manifesta cedo no desenvolvimento da criança,

aparecendo, “[...] em geral, antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizado por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional” (APA, 2014, p. 65).

Após o nascimento de uma criança com TEA, ocorrem mudanças em toda a dinâmica familiar. As mães de crianças autistas, diante da situação de vulnerabilidade e de dependência do filho, passam a dedicar-se integralmente a eles, acumulando muitas responsabilidades, como os cuidados com a casa, com a família e ainda com o filho autista, o que acarreta grande sobrecarga emocional e física (ANDRADE; TEODORO, 2012; PINTO et al, 2016; MIELE; AMATO, 2016; KIKUIO; GOMES, 2018; MAPELLI et al, 2018; BORILLI, 2020; ANJOS; MORAIS, 2021).

Nesse sentido, a questão orientadora do presente estudo pode ser assim descrita: O que tem sido produzido pela literatura sobre o impacto da presença de um membro com TEA na família?

Materiais e métodos

Para atingir o objetivo do estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2017), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo fato de utilizar amplo material já elaborado, constituído principalmente de livros, teses, dissertações e artigos científicos.

Resultados e Discussão

Ao pensar a criança com TEA no contexto familiar, é necessário abranger não só a forma como o diagnóstico foi apresentado à família, mas também a maneira como esse núcleo reagiu diante do fato. Posto isso, segundo Camargo e Londero (2008), a família, a partir do momento que é descoberta a gravidez, deseja e mentaliza uma criança saudável, sem problemas físicos que demandará cuidados extremos: “para esses pais, além, de sobrepor-se uma carga de luto e adaptação, há a necessidade de aprender formas de cuidados especiais, tornando-se um desafio o exercício das mesmas” (CAMARGO; LONDERO, 2008, p.277).

A partir do diagnóstico, a família passa a pensar nas formas de enfrentamento necessárias para propiciar o desenvolvimento da criança. Desse modo, “a não cessação da sintomatologia com o tempo leva a dinâmica familiar a mobilizações que vão desde aspectos financeiros até aqueles relacionados à qualidade física, psíquica e social dos cuidadores diretos” (FAVERO; SANTOS, 2005, *apud*, ABREU *et. al*, 2012, p.135).

De acordo com Andrade e Teodoro (2012), após o nascimento de uma criança com TEA há uma sobrecarga emocional e física, provocando o aumento do nível de estresse e ansiedade na família. Portanto, é importante destacar que além da dinâmica familiar ser afetada, esses fatores apresentam impactos negativos também em outros âmbitos da vida, como: subsistema conjugal (relação entre os pais/cuidadores), subsistema parental (relação entre os pais/cuidadores e o filho) e subsistema fraterno (relação entre os irmãos).

Em virtude do aumento dos cuidados para com a criança com TEA é indispensável que exista um acompanhamento e orientação dos familiares tendo em vista a necessidade de intervenções que levem em consideração não só a unidade familiar, mas os demais grupos que fazem parte da rotina da criança, como a escola.

De acordo com Santos (2017), a inclusão do aluno com TEA é vista como um desafio à equipe escolar, além de ser também importante para o reconhecimento dos pais em relação ao desenvolvimento de competências sociais da criança. Apesar dessa importância, a escola, muitas vezes, não leva em consideração o contexto familiar dos alunos, fato que pode dificultar o envolvimento da criança no espaço acadêmico (SARAIVA, 2013 *apud* CRUZ, 2015). Por isso, é fundamental que a relação entre esses dois grupos seja próxima e que seja possível o trabalho em conjunto para a melhor formação da criança.

Conclusões

Por meio da revisão bibliográfica empreendida, chegou-se à conclusão de que a observação do impacto da presença da criança autista na dinâmica familiar, é de extrema importância não só para o diagnóstico, mas também para identificar como serão feitos os processos de intervenção no contexto escolar. Desse modo, pode-se afirmar que “a participação da família no tratamento é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois [...] o ambiente se constitui em fator decisivo na determinação das características comportamentais da criança” (FIAMENGGHI; MESSA, 2007, *apud*, ABREU et. al, 2012, p.139).

Quanto ao processo de aprendizagem de uma criança com TEA, considera-se importante ter a compreensão de que este não depende apenas de características biológicas, mas é preciso um esforço mútuo de todos os grupos que influenciam a criança no seu dia a dia. As experiências individuais são consequências dessas interações sócio-histórico-culturais que permeiam relações como a família e a escola, que fazem parte também do processo de inclusão do indivíduo na sociedade, garantida pela Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001 (BRASIL, 2001), que institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dra. Solange Yaegashi, por todo apoio e orientação durante essa pesquisa e à minha tia Sheila Andrade (*in memoriam*) que cultivou em mim o amor pelos assuntos relacionados à área escolar. Agradeço, ainda, ao CNPq pela oportunidade dada a mim de ter acesso a novos conhecimentos que me enriqueceram e com certeza me ajudarão para o desenvolvimento futuro.

Referências

ABREU, A. *et al.* Família e autismo: uma revisão da literatura. **Contextos clínicos**, v. 5, n. 2, p. 133-142, 2012.

ANDRADE, A. A.; TEODORO, M. L. M. Família e autismo: uma revisão da literatura. **Contextos Clínicos**, vol. 5, n. 2, p. 133-142, 2012.

ANJOS, B. B.; MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciências Psicológicas**, v. 15, n. 1, e-2347, 2021.

ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BORILLI, M. C. **Qualidade de vida de famílias que têm filhos com deficiência intelectual leve associada ao transtorno do espectro do autismo leve**. 2020. 103f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

BRASIL. **Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001**. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001.

CAMARGO, S. P. H.; LONDERO, A. D. Implicações do diagnóstico na aceitação da criança com deficiência: um estudo qualitativo. **Interação em Psicologia**, v. 12, n. 2, 2008.

CRUZ, C. N. **Relações família-escola na educação e no desenvolvimento intelectual de uma criança com diagnóstico de síndrome de espectro autista**. 2015. 42f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KIQUIO, T. C. O.; GOMES, K. M. O estresse familiar de crianças com Transtorno do Espectro Autismo - TEA. **Revista de Iniciação Científica**, v. 16, n. 1, p. 2-12, 2018.

MAPELLI, L. D. et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, e20180116, 2018.

MIELE, F. G.; AMATO, C. A. H. Transtorno do espectro autista: qualidade de vida e estresse em cuidadores e/ou familiares - revisão de literatura. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v.16, n.2, p. 89-102, 2016.

PINTO, R. N. M. et al. **Rev. Gaúcha Enferm.**, v. 37, n. 3, e61572, 2016.

SANTOS, J. P. S. Participação e satisfação de pais de crianças autistas com a escola: estudo exploratório. **Revista Educação Especial**, vol. 30, núm. 58, pp. 283-296, 2017.